

**José Carlos Vilhena Mesquita**



**FLORBELA ESPANCA**  
**na vila de Olhão**

**OLHÃO**  
**1996**

# **Florabela Espanca**

## **na Vila de Olhão**

**Separata de “A Voz de Olhão”**

**Artigos publicados em «A Voz de Olhão» nº 536  
de 15/4/1996 até ao nº 541 de 1/7/1996**

A fugaz passagem de Florbela Espanca pelo Algarve tem sido pouco estudada pelos seus biógrafos que, compreensivelmente, se tem mostrado muito mais atentos aos factos que vincaram, de forma profunda, a sua amargurada existência. E só o alheamento - caldeado em certa pudicícia - desse aparente "episódio" da sua vida é que levou Guido Batelli, Agustina Bessa Luís e Rui Guedes, para só falar nos mais prolixos, a não ligarem grande importância ao assunto.

Permita-se-me, porém, que discorde da estratégia macrobiográfica a que nos têm acostumado a maioria desses estudiosos sempre interessados nos «momentos de permanência», nos «factores estruturalizantes», em suma, nos elementos externos e na fragilidade psíquica da poetisa, para assim poderem explicar "melhor" a singularidade da sua obra poética. Tomo, pois a ousadia de me embrenhar na obscuridade desse "episódio" - aliás pouco conhecido e aparentemente irrelevante - lembrando que, na maioria dos casos, estes «micro-factos» tornam-se indispensáveis para o desvelamento daquilo a que poderíamos chamar os elementos de preponderância criativa em Florbela Espanca.

Não restam dúvidas de que na vida de Florbela d'Alma da Conceição Espanca existem muitos pontos obscuros (ou menos esclarecidos), que apenas se afloraram sem, contudo, se ousar penetrar no âmago ou na essência das razões que os originaram. Ora, a permanência da poetisa em terras do Algarve não tem constituído, ainda, um objecto de investigação, quer para os ensaístas da nossa literatura, quer para os historiadores da nossa cultura. Talvez o facto dessa estadia ter sido curta, transitória e efémera, explique o pouco interesse da investigação. De igual modo se admite que sendo o Algarve uma região predestinada para o

turismo tenha levado os estudiosos a supôr que Florbela demandou estas paragens apenas por motivos de lazer. Mas também há quem por falso pudor, imaculando a figura literária de Florbela, procure ignorar essa presença, sabendo de antemão que ela se ficou a dever ao definitivo encerramento das suas naturais expectativas de mulher-mãe.

A razão que justificou a transferência da poetisa alentejana para a pacata aldeia de Quelfes - porque foi exactamente nessa humilde freguesia que ela estanciou - no concelho de Olhão, prendeu-se com questões de saúde. Ocorreu na Primavera/Verão de 1918, desconhecendo-se com precisão a data da sua chegada ao Algarve. Nessa altura, já Florbela marcava assidua presença nos jornais, mormente no *Noticias de Évora*, creditando-se, desde logo, como uma jovem poetisa de rara sensibilidade, espelhando uma inspiração transcendente e mística, de uma beleza algo amarga.

Veio atraída pelo clima ameno, de ares puros e grande salubridade da orla marítima, sendo certo também que na imprensa se fazia grande alarde das potencialidades terapêuticas do mar (talassoterapia), em cujas praias do sul a burguesia, sobretudo alentejana, encontrava predestinado refúgio. Quando aqui chegou nada fazia prever que nesse preciso ano o país viesse a ter que enfrentar a maior epidemia da sua história, a gripe pneumónica, que vitimou mais de cem mil habitantes. E Florbela vinha em busca de «bons ares», dos mesmos que nesse ano não puderam salvar o poeta João Lúcio.

O estado de saúde de Florbela era preocupante. Atendendo aos sintomas que apresentava, o espectro da tuberculose parecia andar por perto. Falta de força, semblante triste, desmotivação, lividez, tudo indícios de forte anemia, que, não sendo atalhada, poderia levar a mais perigosas consequências. A prudência aconselhava-a a fugir dos ares citadinos e da vida atribulada que experimentara, enquanto estudante do 1º ano de Direito da Universidade de Lisboa. Havia que serenar os ânimos e retemperar

as forças. Mas a que se devia essa angústia que lhe roubara a alegria de viver ? A resposta, nua e crua, é simples: um aborto.

Nessa época Florbela Espanca era uma mulher feita, na plenitude das suas capacidades físicas e intelectuais. Tinha 24 anos de idade e havia casado com Alberto de Jesus Silva Moutinho,<sup>1</sup> mais velho do que ela apenas um ano. A sua vida conjugal iniciara-se cinco anos atrás e num momento pouco feliz e, talvez, inconveniente à sua carreira literária e estudantil tinha surgido uma gravidez. Desejada ou não, o certo é que a situação degenerou em aborto. As circunstâncias daí decorrentes levam-me a supôr que tudo se terá ficado a dever à fragilidade física de Florbela e ao seu estado de espírito verdadeiramente inconstante. No entanto, valha a verdade, outros abortos se sucederam até que a infeliz poetisa percebeu que nunca haveria de alcançar a suprema felicidade de ser mãe:

*«Filhos! Na sua alma casta  
A nossa alma revive...  
Eu sofro pelas saudades  
Dos filhos que nunca tive !...».*<sup>2</sup>

A situação então criada, julgo que por circunstâncias acidentais, depressa resvalou para um esgotamento físico-psíquico,

---

<sup>1</sup> Alberto de Jesus Silva Moutinho, nasceu em Santo Antão, Évora, a 9-11-1893 e faleceu no hospital de Coimbra em 21-1-1961. Casou com Florbela Espanca em 8-12-1913, mas as incompatibilidades de espírito arrastaram-nos para o divórcio acordado no Cartório do 3º Ofício da Comarca de Évora. Durante a estadia do casal em Olhão, da qual resultaria a sua separação, encontrou emprego na dependência de Portimão do Banco Nacional Ultramarino, sendo admitido nos quadros efectivos em 28-5-1920. Decorridos dois anos transitará para a filial do BNU de Faro, que deixaria em 1925 para o balcão de Santarém. Em 15-4-1936 casou-se com Maria Cáneva de Magalhães, professora liceal, de quem teve três filhos. Em 1944 foi para o BNU de Coimbra, vindo a reformar-se em 1951 por doença e a fixar residência em Monte-Redondo, próximo de Leiria.

<sup>2</sup> Florbela Espanca, *Obras Completas*, (compilação e notas de Rui Guedes) 6 vols., Lisboa, Pub. D. Quixote, 1985, vol. I, p. 177.

muito próximo da sintomatologia tuberculínica. É a própria poetisa quem o revela, em carta dirigida à sua amiga Henriqueta de Almeida, referindo-se ao diagnóstico do médico, que em Faro haveria de tratá-la:

*«Diz ele [o médico] que tenho os ovários infectados e disso é que provém a doença dos pulmões. Não sei se é verdade se não é. Os médicos dizem às vezes coisas !».*<sup>3</sup>

Daqui se infere que as mazelas do aborto ameaçavam degenerar em perigosa afecção pulmonar. Os receios de uma tuberculose eram, portanto, bem fundados e longe de irrealis alarmismos. Contudo, longe ainda de se consumarem, felizmente. Impunha-se, por conseguinte, que escolhesse o local mais apropriado ao seu completo restabelecimento.

Escolheu Quelfes. Porquê ? Várias circunstâncias concorreram para essa opção. Vejamos, de forma sucinta como as mesmas se justificavam.

A zona da beira-serra algarvia, que se estende desde os Vilarinhos, passando por Alportel, até Moncarapacho era, na época, bastante aconselhada pelos médicos para o tratamento da tuberculose, havendo, inclusivamente a salientar a existência de um sanatório no lugar de Almargens, no concelho de S.Brás de Alportel, originariamente destinado ao tratamento dos trabalhadores do caminho-de-ferro. Além disso, o pai de Florbela, o conhecido antiquário João Maria Espanca, era muito bem aceite por estas bandas, que frequentemente visitava na ânsia de encontrar e adquirir objectos de arte, de comprovado valor e antiguidade.

Portanto, tudo converge para se poder admitir que conhecendo bem a região, sabendo por experiência própria quanto era benéfica para o tratamento de tais doenças, tenha aconselhado a filha a vir para o Algarve, em vez de demandar as terras altas e frias

---

<sup>3</sup> Idem, *idem*, 1986, vol. V, *Cartas (1905-1922)*, carta nº 74, p. 212.

do Norte. Deve tê-la convencido com elogiosas palavras acerca das incomparáveis belezas do Algarve, afiançando-lhe, talvez, que todos consideravam esta região mais bela do que qualquer outra do Norte. Outra coisa não se infere do seguinte recado que Florbela lhe enviou pela amiga Henriqueta: *«Diz-lhe [ao pai] que não há cinquenta pessoas em Portugal que digam ser o Algarve mais bonito que o Norte. Eu não desgosto do Algarve, mas não o acho nenhuma beleza.»*<sup>4</sup> Este desencanto, em relação às prometidas belezas naturais e singulares condições ambientais do Algarve, haveria de manter-se de uma forma quase omnipresente no espírito de Florbela. A doença, o permanente estado febril e as exigências do tratamento, explicam, em larga medida, essa insatisfação, essa frustrante ilusão da «fuga para o paraíso» se ter transformado num apático exílio.

Mas, a todas estas justificações se deve acrescentar a circunstância - provavelmente a mais decisiva - de em Faro residir o irmão do marido de Florbela, o Manuel Moutinho, de quem era grande amiga e cujo fraternal afecto conservou até à morte. Nada nos repugna afirmar que a seu alvitre residia mais uma das razões que motivaram a sua transferência para o Algarve.

Todavia, pergunta-se: atendendo à amizade que a unia ao cunhado, porque não escolheu a cidade de Faro ? Naturalmente os ares citadinos e a vida social do efervescente burgo algarvio, não seriam tão aconselháveis nem tão propícios ao seu restabelecimento quanto os de Quelfes, que se situa na zona de transição para o chamado Barrocal - área morfologicamente intermédia à serra e ao litoral, de clima ameno e vida serena. Mas, nesse caso, porquê Quelfes e não Moncarapacho, por exemplo ? Ora aí é que reside a principal questão.

A explicação desta opção reside, muito simplesmente, no facto de nessa freguesia se encontrar a desempenhar a árdua tarefa do magistério primário uma irmã de Alberto Moutinho. Chamava-se Doroteia, era solteira e partilhava a residência, sobreposta à escola,

---

<sup>4</sup> Idem, idem, vol. V, carta nº 72, p. 206.



com uma amiga. Nestas circunstâncias, a escolha de Quelfes tornava-se lógica. E Doroteia era a pessoa mais indicada para ajudar o casal, pois residia num local favorável ao restabelecimento de Florbela. Além disso, tinha conhecimentos suficientes na vila de Olhão que permitissem ao irmão ganhar a vida como explicador de matérias liceais, trabalho esse que ele já havia desenvolvido nos concelhos do Redondo e Évora. Inclusivamente, era esse o único ganha pão do jovem casal, muito embora o pai de Florbela se houvesse comprometido a patrocinar os estudos da filha contribuindo com uma mesada que, associada aos rendimentos de Alberto Moutinho, era suficiente para garantir a sobrevivência de ambos.

Portanto, atendendo a que Olhão se encontrava a dois quilómetros da casa da irmã e que aí existia um colégio onde podia exercer a sua actividade de explicador, o Alberto Moutinho não pensou duas vezes. Fizeram as malas e rumaram em direcção ao Algarve. Fixaram-se, por esta razão, em Quelfes onde chegaram muito provavelmente em Março de 1918.

Ao fim e ao cabo, pode dizer-se que o período em que se demoraram por estas paragens constituiu uma espécie de férias antecipadas já que a estadia no Algarve se prolongaria apenas até Setembro desse mesmo ano. Florbela pensava voltar a estudar e o seu feitio, vivo e buliçoso, não se afeiçoava à quietude da aldeia. Apesar de efémero foi suficiente para que Florbela recuperasse física e psicologicamente da frustração maternal que havia sofrido. A experiência do aborto deixara marcas difíceis de apagar em tão curto espaço, mas Florbela estava desejosa de se dedicar à criação poética, à publicação de alguns sonetos que entretanto compusera e que, mais tarde, haveria de reunir em livro.

Curioso será notar que a amenidade do clima algarvio e a placidez da aldeia de Quelfes irão estar, infelizmente, na base da separação do casal e no seu consequente divórcio.

Assim, enquanto o marido, mais calmo e sensato, preferia a segurança e a tranquilidade da província - situação que melhor se coadunava com o seu espírito humilde e resignado, capaz de viver com a maior frugalidade - Florbela, ao invés, preferia o conforto, diria até que um certo luxo feminino, almejando o convívio com gente culta, moderna e progressista. No fundo, não conseguia abdicar dos meios e do ambiente consentâneo ao seu feitio e às suas carências afectivas.

Florbela amava a cidade, o movimento, o reboliço, a sua roda de amigos e, especialmente, sentia uma vontade intrínseca de ser adorada, na expressão mais sublime do termo. Mas, mais importante do que tudo isso, era a sua esperança de poder vir um dia a integrar-se numa tertúlia de intelectuais, num grupo de literatos que a pudessem apoiar, aconselhar e, se possível, adorá-la como mulher e poetisa. Sempre foi esse o seu sonho. Sempre viu esfumar-se esse desiderato. A sua condição de mulher numa sociedade machista, e sobretudo os seus três casamentos, seguidos e com homens pouco moldáveis ao seu feitio, fizeram-na perder a esperança de ver realizada essa quimera. Uma mulher entre os homens, discutindo, rebatendo, fazendo-se ouvir de igual para igual, era um sonho demasiado distante para a época.

O marido não podia, nem desejava, regular-se pelo mesmo diapasão. As incompatibilidades entre ambos eram evidentes, sucedendo-se a cada passo os desentendimentos próprios de dois seres quase diametralmente opostos. Por outro lado, a perda do filho deixou-lhe o estigma da inconsecução, o vazio de mãe com que a natureza parecia querer castigá-la. Alguns laivos de culpa não terão sido estranhos a esta lamentável separação.

Todavia, deve-se também admitir que Florbela dificilmente se adaptaria ao papel sereno, quase mortício e rotineiro, de mãe e esposa, predestinado, senão exigido, pela sociedade do seu tempo. Essa situação prendia-lhe a liberdade de movimentos por que tanto ansiava, a libertação do espírito que não conseguia conter, o

transbordante génio que as regras de conduta não deveriam estancar. Florbela era uma mulher de excepção, estranha à sociedade envolvente e com sérias dificuldades de adaptação aos "cânones" ou regras de conduta social, que se antepunham à sua intrínseca necessidade de libertação. Sem ser uma inadaptada era, no mínimo, uma alma livre e difícil de entender na sociedade do seu tempo.

Lamentavelmente, não se pode dizer que Florbela Espanca tenha sido feliz nesta sua, quase indelével, permanência em Quelfes. A triste circunstância que justificara essa transferência era, por si só, inibidora e, por conseguinte, difícil de esquecer ou de ultrapassar. A demonstração dessa permanente amargura, dessa torturante infelicidade, espelha-se nas suas cartas datadas de 19 de Abril, 18 e 27 de Maio e 5 de Junho.<sup>5</sup> Atente-se nos extractos que a seguir se transcrevem e repare-se na desilusão, desencanto e frustração que a doença delas faz ressumar:

*«Estou farta disto tudo. Se me vejo daqui para fora não acredito, mas o raio do médico diz que se me vou embora que não duro seis meses e eu tenho medo».*<sup>6</sup>

O grau de saturação, enfado e dramatismo atingiu o seu auge quando Florbela se sentiu prisioneira num espaço vazio e sem sentido:

---

<sup>5</sup> Estas missivas foram compiladas por Azinhal Abelho e José Emídio Amado, no livro *Cartas de Florbela Espanca*, 1949. Porém, talvez para não ferirem susceptibilidades nem a imagem da poetisa, modificaram-lhe palavras, quando não lhe omitiram outras, por considerarem agressivas ou impróprias, por se expressarem em calão, por comprometerem certas pessoas ou serem indignas do bom nome da autora. Contrariando falsos pudores foram as mesmas criteriosamente republicadas por Rui Guedes nos volumes V e VI das *Obras Completas de Florbela Espanca*, Lisboa, Pub. D.Quixote, 1985-1986, cuja consulta vivamente aconselhamos.

<sup>6</sup> *Obras Completas*, op. cit., vol. V, carta 74, p. 212.

*«O meu maior desejo era não me ver como vejo longe de tudo o que estimo e da vida que desejava. Não me digas que fico cá até ao fim da vida. Era melhor dar um tiro nos miolos».*<sup>7</sup>

A solidão exasperante da aldeia atormentava o seu espírito sequioso de comunicação, carinho, afecto, admiração...de fama, com a qual sempre sonhou, mas que só veio a obter depois da morte:

*«...não imaginas como eu aqui passo os dias aborrecida. Não há ninguém com quem a gente converse; são todos mais brutos que o Tapadas. Passo o tempo a contar os dias que faltam para me ir embora».*<sup>8</sup>

As frases extratadas indiciam uma acelerada propensão neurótica, numa angústia permanente e nauseante mal estar, causado pela falta de convivência, quietude campestre e solidão do espírito, a que não era certamente estranho o desentendimento conjugal e a incompatibilidade de personalidades.

A própria Agustina Bessa Luís, escritora atenta e avisada no que respeita aos enfiados da alma, escreveu numa obra biográfica dedicada a Florbela que *«todas as suas perturbações, a emoção exaltada, o esgotamento, as insónias, a intolerância aos alimentos, às pessoas, ao género de vida, a tuberculose encoberta, as dores de cabeça, as infecções, toda a espécie de repugnâncias físicas e morais, anunciam a instalação da neurose. Provavelmente com o desgosto sexual aparece o grande motivo de desentendimento no matrimónio.»*<sup>9</sup>

As dificuldades de adaptação ao meio ambiente não eram físicas ou climáticas, mas tão somente psíquicas. O mal estar era

---

<sup>7</sup> *Idem*, *idem*, carta 76, p. 216.

<sup>8</sup> *Idem*, *idem*, carta 75, p. 213.

<sup>9</sup> Agustina Bessa Luís, *Florbela Espanca, a vida e a obra*, 2ª ed., Lisboa, Ed. Arcádia, 1979, p. 46.

emocional. Sendo provável que essa carga neurótica se tenha ficado a dever a uma certa falta de convívio e de relacionamento com pessoas cujas afinidades culturais lhe fossem comuns. Os ares que lhe asfixiavam a alma eram de outra índole.

Tão pouco se poderiam assacar responsabilidades à situação económica do casal, que, em boa verdade, não enfrentava privações inultrapassáveis, vivendo até com um certo desafio. Numa carta datada de 18-5-1918, dirigida a Henriqueta de Almeida, sua antiga criada e segunda esposa do pai, constata-se que Alberto Moutinho ganhava cerca de 45\$00 mensais como explicador o que, acrescido do ordenado da irmã e da mesada que recebia do pai, chegava perfeitamente para levarem uma vida sem sobressaltos.<sup>10</sup>

A conjugação de todos os condicionalismos aqui aflorados desditaram a permanência de Florbela Espanca em Quelfes. A relevância - que os algarvios de hoje desejariam extrair dessa estadia - pouco sentido terá. Ao tempo Florbela não era ainda a poetisa que a obra e a forma dramática com que se despediu da vida viria a consagrar. Por outro lado, a brevidade dessa passagem, que se desenrolou ao longo de apenas seis meses, não deixou marcas, senão nela própria, no seu estado emocional e físico. Foram seis meses de forçado "sossego", algum marasmo e uma imensa solidão literária. Quase um degredo, com que se não compadecia o seu natural estado de espírito.

Apesar de tudo, procurava de quando em vez libertar-se da solidão. A miúde vinha a Faro visitar o cunhado Manuel Moutinho ou consultar o seu médico assistente, então conhecido pelo "Doutor Índio", por ser canarim, natural de Goa. Chamava-se José Filipe do Carmo Alvares e como facultativo era considerado bastante

---

<sup>10</sup> «O Alberto ganha agora 45.000 rs. por mês, de explicações, em Olhão. Isto junto ao ordenado da irmã dele é o bastante para nos governarmos razoavelmente. Diz ele que tem esperanças de arranjar ainda mais.»

*Obras Completas*, op. cit., vol. V, carta 74, p. 212.

responsável e competente na sua especialidade, que, por estranho que pareça era do foro das doenças e afecções oftálmicas.<sup>11</sup> No entanto, importa salientar que se dedicou igualmente e com reconhecido sucesso ao estudo e tratamento das doenças pulmonares.

Florbela não gostava da forma rigorosa e exigente com que este lhe impunha o tratamento baseado num repouso absoluto.<sup>12</sup> De qualquer modo, o seu relacionamento com o Dr. Filipe Alves não

---

<sup>11</sup> José Filipe do Carmo Alves, nasceu em Margão, Índia Portuguesa, em 1882, formou-se em medicina pela Escola do Porto, vindo a abrir consultório em Silves, cidade onde, aliás, constituiria família. Algum tempo depois transferiu-se para Faro onde alcançou grande sucesso e crescente fama no tratamento de doenças dos olhos. Prestígio esse que extravasou fronteiras, pois por diversas vezes recebeu convites para instalar consultório no Sul de Espanha. Embora fosse oftalmologista foi também um facultativo consagrado e admirado em toda a província do Algarve. Fez da cidade de Faro a sua terra natal e como homem culto que era colaborou na imprensa algarvia com certa regularidade, devendo-se-lhe, no âmbito da sua especialidade, a publicação de alguns trabalhos de reconhecida valia. Dedicando-se ao tratamento das afecções pulmonares estudou as implicações do clima algarvio no tratamento da tuberculose, que publicou em livro, assim como deu à estampa uma outra obra sobre o assunto intitulada *Algumas palavras sobre a prophylaxia da tuberculose em Portugal*, datado de 1917. Como homem interessado na vida pública merece referência o seu incontido apoio à causa franquista, considerando o governo de João Franco como o melhor de toda a história monárquica portuguesa. Sem ser hostil ao novo regime republicano pode dizer-se que o Dr. Filipe Alves nunca nele se sentiu feliz. Em 5-2-1934 faleceu na sua residência de Faro. A edilidade, num acto da mais louvável justiça e gratidão, atribuiu-lhe o nome a uma das artérias da cidade.

<sup>12</sup> «Disse-me que tinha os dois pulmões muito fracos e mostrou-se bastante preocupado comigo. Mandou-me seguir um regimen muito esquisito: levantar às 9 da manhã, almoçar às 10 horas, estar deitada uma hora depois de almoço numa cadeira de cura, lanche às 2 horas, estar outra vez outra hora deitada na cadeira, jantar às 6 horas e deitar-me às 9 horas da noite, quase de dia, e cear na cama. Tenho que estar quase sempre deitada. É uma maçada.»

*Obras Completas*, op. cit., vol. V, carta 72, p. 205.

deve ter sido circunstancial e infrutífero, já que ambos amavam a literatura, a poesia e a cultura em geral. Escusado será dizer que para não mentir e evitar de se submeter às meticulosas observações do médico, Florbela em breve passaria a detestar a cidade de Faro. A exasperante febre deixava-a quase sem forças. Porém tudo cumpria na ânsia de se poder ver livre do Algarve e rumar à capital para concluir o ano lectivo:

*«Há um mês que faço tudo que mandam para ver se me curo, principalmente porque tenho uma vontade doida de ir para Lisboa ver se estudo alguma coisa, agora que estou no fim do ano, mas não há meio, ora para trás, ora para diante, e assim ando sem a febre e esta grande fraqueza me largarem. Dores não tenho, mas a febre mina-me e tenho dias que por causa dela mal me posso ter em pé».*<sup>13</sup>

Esse desagrado tornara-se, igualmente, extensível à vila de Olhão, que evitava visitar, por não poder suportar-lhe o cheiro fétido e pestilento que ressumava da ria. Tirando isso, gostava do seu alvo casario e, sobretudo, adorava ver o pôr do sol que, afirmava, jamais vira espectáculo tão belo. Curiosamente, estranhava o facto de no Algarve o sol nascer sobre o mar e morrer no mesmo mar sobre o qual se elevava. Tratava-se, em seu entender, de um procedimento incomum, quase uma incongruência da natureza. Existem sonetos que recordam esses momentos inesquecíveis, marchetados pela inebriante beleza de um sol refulgente, que empresta a este céu aquele azul extasiante que só os poetas sabem cantar. Escreveu-os em Quelfes, inspirada na tristeza da sua «solidão acompanhada». Sentiu que dessa vez tinha atingido os píncaros da almejada qualidade poética, de que Raul Proença se fizera avaro na primeira apreciação das suas composições poéticas. Enviou-lhos, com a natural curiosidade do aprendiz que deseja agradar ao mestre: «São os meus últimos sonetos. Gosta ?» Proença, o erudito director

---

<sup>13</sup> *Idem*, *idem*, carta 72, p. 206.

da Biblioteca Nacional, gostou de verdade. E, satisfazendo-lhe a vontade de compilar os seus melhores poemas, integrou-os no *Livro de Mágoas*, publicado em 1919. São autênticos retratos do seu sofrimento espiritual, mas são também verdadeiros hinos aos mais singulares elementos naturais do Algarve: o sol e o mar. Não podemos deixar de aqui os transcrever. Começamos pelo «Mar Triste»:

É triste, diz a gente, a vastidão  
Do Mar imenso ! E aquela voz fatal  
Com que ele fala, agita o nosso mal !...  
E a Noite é triste como a Extrema-Unção.

É triste e dilacera o coração  
Um poente do nosso Portugal !  
E não vêem que eu sou... eu... afinal,  
A coisa mais magoada das que o são !

Poentes d'agonia tenho-os eu  
Dentro de mim, e tudo quanto é meu  
É um triste poente d'amargura !

E a vastidão do Mar, toda essa água  
Trago-a dentro de mim num mar de Mágoa !  
E a Noite sou eu própria, a Noite escura !

Todo este poema está imbuído de uma profunda tristeza em que a poetisa identifica a sua solidão com a noite escura, ao mesmo tempo que vê reflectir-se naquele mar imenso, um libertador horizonte de sonho e de esperança, que ela aguarda com o coração dilacerado, sem que, porém, o veja concretizado. Os «poentes de agonia, num mar de Mágoa» traduzem o isolamento e a quietude do seu “exílio” em Quelfes, o traumatizante aborto de uma maternidade que se pretendia adiar, mas que não era indesejada. As lágrimas que terá derramado na tebaida do seu ermitério de Quelfes expressa-as



na vastidão do mar, «essa água trago-a dentro de mim». Os poentes reflectidos nas águas calmas desse mar imenso, são os que a poetisa presenciou no Algarve, num brilhante retrato lírico a que a paleta do ledor pintor daria cores mais vivas do que a escura noite que então atormentava a alma de Florbela. E como estava distante do espírito criador, naturalista e virtuoso que refulgiria na *Charneca em Flor...*! Ouçamos, agora, o outro poema inspirado no sol algarvio, que tem por título «Castelã»:

Altiva e couraçada de desdém  
Vivo sozinha em meu castelo, a Dor...  
Debruço-me às ameias ao sol-pôr  
E ponho-me a cismar não sei em quem !

Castelã da Tristeza, vês alguém ?!...  
- E o meu olhar é interrogador...  
E rio e choro ! É sempre o mesmo horror  
E nunca, nunca vi passar ninguém !

- Castelã da Tristeza, porque choras,  
Lendo toda de branco um livro d'horas  
À sombra rendilhada dos vitrais ?...

Castelã da Tristeza, é bem verdade,  
Que a tragédia infinita é a Saudade !  
Que a tragédia infinita é *Nunca Mais* !!

A semelhança com a realidade psíquica da poetisa é lapidar quando se intitula Castelã da Tristeza. Pelas razões já aqui aduzidas parece inquestionável que a poetisa se sentia senhora de um altaneiro castelo, não de sonhos ou de fadas, mas de tristes lembranças e de frustrante solitude. A imagem desse castelo deve-lhe ter surgido por comparação com a residência que habitava em Quelfes, que era de dois andares e situada em ponto elevado sobre o horizonte. Dali

disfrutava soberba paisagem sobre a orla litoral e sobre o barrocal, o que lhe daria, talvez, a aparente sensação de domínio, como se de uma castelã se tratasse. Mas pelo seu reino nunca viu passar ninguém, senão as sombrias saudades de quem se ama mas não se tem. Por isso a tristeza predomina, mais uma vez e sempre, em lágrimas de saudade, rememorando alguém que nunca mais voltará ao aconchego do coração imenso daquela triste e altiva castelã. «*Gosta deste ?*», pergunta Florbela ao seu exigente crítico Raul Proença.<sup>14</sup>

Retomando o esboço biográfico, convém notar que apesar de Florbela Espanca não aceitar de ânimo leve as imposições do "Dr. Índio", o certo é que ele era a única pessoa que a compreendia, que com ela discutia os problemas da «psique», confessando frustrações mútuas, discutindo literatura e revelando-se, tal como ela, um grande cultor da poesia de Verlaine, Antero de Quental, António Nobre, etc. Estranho destino interceptara o caminho destas duas almas. O infortúnio ligava-os pelos mesmos laços. A esposa havia-lhe falecido por causa de um aborto mal curado. Foi vítima de incontrolláveis hemorragias que tornaram impotentes os esforços e os recursos da medicina moderna. A própria Florbela sentiu que estava a ser alvo duma hipotética expiação de culpas que, em boa verdade, não competiam àquele facultativo. Numa carta dirigida à sua amiga, e ulterior madrastra, Henriqueta Almeida, confessaria: «*Tem-me tratado [o médico] lindamente e com um cuidado que nem calculas. A mulher dele morreu também assim com uma doença principiada, como a minha, por um aborto com hemorragias, mal*

---

<sup>14</sup> Estes dois poemas, assinados no «Mar Triste» por Florbela e na «Castelã» por Florbela Moutinho, dão a entender que, no primeiro caso, era a mulher sofredora prescrutando o horizonte marítimo, como quem de um orago pretende resposta para a sua agonia; enquanto no segundo era a mulher esposa, no remanso da clausura a que a obrigava o lar conjugal, impossibilitada de desfrutar do convívio daqueles que estimava, por causa dos bons ares de um imperturbável lugarejo sem menção no mapa. Os dois poemas foram enviados a Raul Proença numa carta datada de «Quelfes, em 7 de Maio de 1918», publicada nas *O.C.*, vol. V, p. 207.

*tratado*».<sup>15</sup> Naturalmente Florbela apresentava-se-lhe como uma flagrante hipótese de poder redimir-se daquela irreparável perda. Faria tudo para evitar que a tragédia se repetisse. Tornou-se incansável nas suas observações e no acompanhamento médico da sua jovem doente. Agustina perscruta-lhe a cena:

*«O médico vem a casa regularmente, receita, aconselha, demora-se com certeza junto dessa doente que fala de António Nobre e de Verlaine. (...) O médico é o seu único amigo, no plano de compensação do seu processo psíquico. Ele dá nomes transfigurados e tranquilizantes à natureza dos seus males. Com ele pode falar à vontade, caracterizar a doença quando a descreve ao nível clínico. Os segredos não são precisos, porque essa história clínica é uma libertação para eles, sem lhes impôr uma culpa.»*<sup>16</sup>

Florbela, enfadada por nada fazer, passando os dias deitada, sob a estrita recomendação de se alimentar em abundância, sentia-se uma inútil, uma pachorrenta criatura a quem se pede peso e côr, sem perguntar pela vontade, desejo e ânimo. Reflectia, meditava e às vezes até escrevia. Mas levantar-se da cama é que estava fora de questão. Era uma recomendação que o Dr. Filipe Álvares lhe exigia cumprimento e que ela se via estritamente compelida a respeitar, sob pena de sofrer perigosas recidivas. Estava farta de aturar tantas imposições, desvelos e cuidados. O seu maior desejo era ir-se embora daquele eremitério, mas nem o médico a deixava nem a febre lhe permitia deixar para trás esse malfadado Algarve, aonde nunca mais pensava regressar:

*«O raio do médico nem quer ouvir falar em eu me ir embora. Estou mais gorda, pois que peso mais 2 kg do que quando vim de Lisboa; isto já não é nada mau. A febre é que continua na mesma. Se não fosse a febre, já há muito tempo que tinha mandado passear*

<sup>15</sup> *Obras Completas*, op. cit., vol. V, carta 74, p. 212.

<sup>16</sup> A. Bessa Luís, op. cit., p. 68.

*o médico, Quelfes e tudo. Mas a febre mostra-me bem que o estado dos meus pulmões continua a ser bastante mau. Não me tenho dado mal, e por isso continuo até que me façam o especial favor de me deixarem ir embora, mas fico com tal azar ao Algarve que nunca mais quero cá pôr os pés.»*<sup>17</sup>

A inspiração poética não a acompanhava e, nos raros momentos em que compunha, as palavras desconjuntadas tardavam em encontrar a harmonia desejada. As musas eram-lhe ingratas, infiéis e indolentes. As palavras que o seu talento fazia jorrar em belos sonetos, dispersavam-se, agora, em irregular escadaria, sem alma e sem vigor. Sentia-se vazia por dentro. Escrevia com dificuldade o seu futuro *Livro de Mágoas*. E quando os versos enviou a Raul Proença, para que dele ouvisse a oracular sentença, mais desanimada ficou com a sua insensível apreciação. Ficou desolada. Algo incrédula e até magoada, respondeu-lhe:

*«Estou bastante desanimada com o que me diz dos meus versos. Estou a ver que decididamente nada farei com jeito, se bem que eu nunca tivesse a vaidosa pretensão de escrever obras-primas... Afinal, absolutamente nenhum soneto lhe parece bom? Quais e quantos são os absolutamente razoáveis?»*<sup>18</sup>

Apesar das visitas que o seu médico assistente fazia ao "eremitério de Quelfes", e não obstante o contacto que mantinha com o exterior - dirigindo cartas ao pai, à futura madrastra, ao irmão e aos amigos - o certo é que a sua situação psíquica ultrapassara já o estado de saturação. Progressivamente se agravava, e pressagiava, aquela fatídica neurose que a arrastaria para a morte, estranhamente «decidida» nas vésperas da publicação do seu livro mais desejado, *Charneca em Flor*. Os seus lamentos revelavam um profundo enfado, alguma frustração e muito desencanto para com a

---

<sup>17</sup> *Obras Completas*, op. cit., vol. V, carta 74, pp. 213-214.

<sup>18</sup> *Idem*, *idem*, vol. V, carta nº 73, p. 207.

envolvente ambiência humana: «*Estou tão triste e tão aborrecida! Tenho um ódio ao Algarve !*»<sup>19</sup>

Será exactamente esse ódio, essa inconstância, essa inatingível procura da felicidade, que irá determinar a sua separação e o seu consequente divórcio de Alberto Moutinho. Em todo o caso o terminus dessa relação parece ter partido do próprio marido, que a responsabiliza pelo ónus moral da separação. Florbela apenas pretende que a deixem em paz, que lhe dêem espaço para respirar. As palavras com que dele se despede deixam transparecer o estado de saturação a que chegara, a infelicidade em que vivera e a conformada renúncia a uma relação que parecia impossível manter por mais tempo:

*«Queres agora atirar para os meus fracos ombros a pesada responsabilidade duma separação ?! Seja. (...) Eu só peço que me deixem em paz, ou pelo menos respirar, porque já não posso mais. (...) eu não sei o que é o amor, eu não sei nada. (...) Tudo fica em tua mão, é tudo como quiseres. Estou cansada. Estou resignada. Já quase tudo me é indiferente. Eu espero mas, como já te disse, não discursos mas resoluções. Poupa-me a mais mágoas, que é uma obra de caridade. Adeus.»*<sup>20</sup>

Era o fim do seu primeiro casamento. Extinguia-se um vínculo, apagava-se uma relação talvez repleta de sonhos e fantasias, que o tempo e as vicissitudes da vida se encarregaria de fazer desmoronar. Ficou a marca, decerto profunda, numa mulher sensível e magoada, cujos caminhos jamais se cruzariam. Não fora o primeiro homem da sua vida, nem seria o último. Como também não fora o homem a quem primeiro amara.<sup>21</sup> Mas será que amara

---

<sup>19</sup> *Idem*, *idem*, vol. V, carta nº 76, p. 216.

<sup>20</sup> *Idem*, *idem*, vol. V, carta nº 77, p. 207.

<sup>21</sup> A primeira grande paixão de Florbela Espanca terá ocorrido por volta de 1912, na praia da Figueira da Foz, iniciando então uma relação profundamente sentimental como um tal José, que considerou como seu namorado. Tinham

verdadeiramente ? O certo é que até à morte nunca mais se voltariam a ver.

Terminado o tratamento, que confirmara o depauperamento físico, suscitado por um aborto, espontâneo e mal curado, que resvalara para uma ameaça de afecção pulmonar, Florbela escoreia a alma nos compromissos estudantis, a que antes metera ombros. Parte para Lisboa a fim de se matricular no 2º ano de Direito. Vem a talhe de foice, acrescentar que Florbela inscreveu-se, sucessivamente, até ao 3º ano de Direito, sem, contudo, comparecer a qualquer exame. Regressa a Évora. Encontra-se com a família trazendo na ideia a publicação do seu primeiro livro de versos. Raul Proença compila e retoca-lhe os sonetos que manda publicar no *Livro de Mágoas*, título esse que deixa transparecer o espírito e o temperamento de uma mulher que sofre de uma pluralidade interior: «*De não ser Esta... a Outra... e mais Aquela... / De ter vivido e não ter sido Eu.*»

O espectro da celebridade, a ansiedade da fama, o desejo de ser admirada, de poder impressionar com o seu talento os amigos e de acelerar a inveja dos seus inimigos, são tudo sintomas de autor estreante que sonha dar realidade às palavras do pai: «*Serás uma Espanca que há-de ficar.*»

Desinteressada do passado<sup>22</sup> mostra-se, contudo, bastante esperançada em reconstruir a vida ao lado da sua nova paixão, o

---

ambos 18 anos de idade. Mas no ano seguinte tudo terminaria. Era natural da vila do Redondo esse tal José, que na realidade se chamava João. Indo estudar para Lisboa, formou-se em Letras e Direito, tirou o curso superior de Bibliotecário-Arquivista, foi professor da Faculdade de Letras e director da Torre do Tombo. Referimo-nos a João Martins da Silva Marques, famoso historiador, autor de vastíssima obra, de entre a qual se destacam os cinco tomos dos *Descobrimentos Portugueses*, publicados pelo Instituto de Alta Cultura em 1944-1945, nos quais se integra *O Algarve e os Descobrimentos* da autoria do seu amigo e discípulo Alberto Iria, notável olhanense e um dos mais profícuos historiadores do nosso tempo.

<sup>22</sup> Em carta dirigida ao seu colega de Faculdade, Américo Durão, que a baptizara de "Soror Saudade" e que lhe publicara um soneto no diário «O

alferes da Guarda Republicana, António José Marques Guimarães.<sup>23</sup> Por isso, move uma acção de divórcio contra o marido Alberto Moutinho, que, escandalizado com a situação de amancebia em que Florbela se envolvera, lhe aconselha, por carta, a invocar abandono do lar durante três anos.<sup>24</sup> O processo foi rápido, como convinha a

---

Século», confessará a propósito da consciência que lhe ficara do passado: «*deixe-me dizer-lhe que eu não tenho recordações. Ninguém guarda lembranças do que profundamente despreza.*» Obviamente, estaria a referir-se ao seu primeiro casamento e, por certo, aos desgostos e privações que experimentara.

*Obras Completas*, op. cit., vol. V, p. 224, carta 79, datada de Vila Viçosa, 5-1-1920.

<sup>23</sup> Conheceram-se no casamento de Ema de Andrade Marques Pereira e mais tarde reencontram-se num baile de carnaval em casa de Ema, onde se apaixonam imediatamente. Florbela escreveria a Aurélia Borges o episódio nos seguintes termos: «... *Foi a mais feliz de todas, aquela nossa noite de carnaval, em que me evadi, em que deixei de ser Soror Saudade...*»

António José Marques Guimarães, nasceu em 1895 na freguesia de Santo Emilião, na Póvoa de Lanhoso. Tinha 25 anos de idade quando conheceu Florbela. Era então alferes miliciano da Guarda Republicana. Em 15-7-1920 apresentou-se, com Florbela, no Destacamento de Artilharia do Porto em que fora colocado e em 17-5-1921 casaram no Registo Civil da Foz do Douro. Em Janeiro de 1922 transferem-se para Lisboa e em 23-6-1925 decreta-se, após prolongado processo, o divórcio na 6ª Vara Cível da Comarca de Lisboa. Não restam dúvidas de que este foi talvez o maior fracasso amoroso de Florbela, marcado por mais um aborto, desilusões, sofrimentos e até agressões físicas infligidas pelo marido. O atraso no divórcio consumia a paciência de Florbela que, já então vivendo com o Dr. Mário Lage, desejada dar novo rumo à sua vida.

Três meses depois António Guimarães casa-se com Rosa de Oliveira Roma Leitão, de quem também não viria a ter filhos. Em 1945-46 prestou serviço militar em Timor, decisão essa que já no tempo de Florbela ameaçara encetar como forma de recuperar dos fracassos económicos em que se vira envolvido. Florbela apoiava-lhe a decisão, esperando, assim, ver-se livre dos seus maus tratos. A partir de 1953 foi trabalhar para a empresa «O Recorte», sediada em Lisboa - e cremos que ainda hoje existente - pertença de seu irmão Manuel Lourenço. Nela se manteve até 22-12-1981, data em que viria a falecer.

<sup>24</sup> *Obras Completas*, op. cit., vol. VI, cartas 178 e 179, datada de 16-7-1920.

ambos. E a 30-4-1921 foram declarados pelo tribunal de Évora como legalmente divorciados. Alberto Moutinho, durante o processo, permaneceu sempre na vila piscatória de Portimão, a trabalhar no B.N.U., desejoso de se ver livre daquela diva que mimoseou durante cinco anos, conforme o permitiam as parcas possibilidades financeiras de que usufruía.

A irmã do marido, a professora Doroteia Moutinho, manteve-se em Quelfes, desiludida com a cunhada, mas ao mesmo tempo admirando o seu talento, com aquela piedade de quem sente pelos doentes a ternura de um perdão eterno. Tempos depois, Doroteia, casaria com um abastado proprietário rural, muito conhecido no meio, de seu nome José de Sousa Guita, que, só por curiosidade se acrescenta, era o dono da escola e da casa onde se albergara aquela que viria a ser apropriadamente cognominada de «Soror Saudade».

A inexorável lei da vida afastou deste mundo tanto os familiares de Florbela como os de seu primeiro marido, restando apenas a geração que se lhe seguiu, hoje muito dispersa por Lisboa, Évora, Portimão e Beja.

O segundo casamento de Florbela Espanca com o Alferes António Guimarães, durou apenas dois anos. O processo de divórcio foi lento e arrasador para os nervos de Florbela que apenas logrou obtê-lo em 23-6-1925. Percebeu que aquele não era o homem da sua vida quando vai para Gonça, próximo da cidade de Guimarães, restabelecer-se, mais uma vez, de um aborto espontâneo. Desesperada e infeliz escreve ao irmão, Apeles, sobre a decisão de se separar do marido:

*«(...) um dia chegou em que eu me lembrei que a vida passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava, que eu estava a transformar-me na mais vulgar das mulheres, e por orgulho, e mais ainda por dignidade, olhei de frente, sem covardias nem fraquezas, o que aquele homem estava a fazer da*



*minha vida e resolvi liquidar tudo simplesmente, sem um remorso, sem a mais pequena mágoa.»*<sup>25</sup>

Nesse período de restabelecimento consumou-se um amor que em segredo ambos reservavam para si, mas que aconteceu com naturalidade e até alguma inocência:

*«...sempre foi meu amigo, contei-lhe tudo; de conversa em conversa, não sei como ficou assente eu ir para sua casa, divorciar-me e casar com ele que sempre tinha gostado de mim sem nunca me dizer nem o mostrar.»*<sup>26</sup>

Referia-se ao seu médico e amigo Dr. Mário Pereira Lage<sup>27</sup>, homem sério e respeitável, cujos 32 anos idade exigiam um compromisso seguro e estável. Todavia, o seu relacionamento, que ocorrera de uma forma quase accidental, era contra a vontade dos pais dele e de Florbela. Gerou-se em torno deles um conflito familiar, derivado dos falhanços matrimoniais de Florbela. Até o pai

---

<sup>25</sup> *Obras Completas*, op. cit., vol. VI, carta nº 94.

<sup>26</sup> *Idem*, *idem*, vol. VI, carta nº 96.

<sup>27</sup> Mário Pereira Lage, nasceu a 14-1-1893 na freguesia de S. Geraldo de Loivos, em Chaves, formou-se em medicina na Universidade do Porto e em 1916 inicia a sua carreira como médico militar e no ano seguinte participa na I Grande Guerra de onde regressa em 1919 com a medalha da Vitória. No ano seguinte é nomeado Sub-Delegado de Saúde em Matosinhos e contratado para servir na G.N.R. onde conhece António Guimarães e Florbela Espanca. Inicia-se um relacionamento que em 29-10-1925 culmina com o primeiro casamento religioso de Florbela. em 1927 deixa as funções de Sub-Delegado de Saúde para ser integrado na 1ª Companhia de Saúde. Em 8-12-1930 Florbela Espanca suicida-se deixando-o perplexo e sem explicações para tão dramático desenlace.

No ano seguinte casa com Maria Antonieta Castilho, natural de Lousada, viúva do Engº Lúcio Magalhães, ambos amigos de Florbela. Passa por vários lugares da administração de saúde nos Portos Marítimos, de Leixões e da Zona Norte. Em 1964 assiste à trasladação dos ossos de Florbela do cemitério de Matosinhos para Vila Viçosa.

dela deixou de lhe falar. Com efeito, a poetisa não conseguia afastar-se do amor, procurando sempre encontrar em cada matrimónio a felicidade que nunca antes lograra alcançar. Desta vez o matrimónio era religioso, não tinha recuo, como os anteriores. Agora, tudo parecia definitivo. E, no entanto, foi tão efêmero quanto os outros.

No dia 6 de Junho de 1927, às 14,30 horas, despenhou-se no Tejo o hidroavião «Hanriot 33» pilotado por Apeles Espanca. O corpo nunca apareceu. E Florbela jamais voltou a ser a mesma. Naquele lamentável acidente perdeu-se toda a esperança de um dia vir a ser feliz. Em boa verdade, só uma pessoa amara verdadeiramente neste mundo, o seu irmão Apeles. A perda fora demasiado pesada para a leveza do seu coração. Metade da sua alma ficara com Apeles nas profundidades do Tejo, não conseguindo refazer-se de tão grande desgosto. Atente-se nas palavras que dirige a seu pai:

*«É verdade, meu pai, o nosso rapaz, o nosso querido pequenino morreu. Parece um pesadelo mas não é. Morreu. Parece que morreu tudo, que ele não deixou cá ficar nada, parece que levou tudo. A gente é muito forte, já que não endoidece nem morre depois de um pavor assim. Eu cá estou ainda, vivo, ando, falo, depois das horas de martírio como não pode haver outras neste mundo. (...) Eu choro o meu maior amor, o meu orgulho, metade da minha alma. Perdemos muito, pai, perdemos muitíssimo. É uma sombra de luto que nunca poderá deixar-nos.»*<sup>28</sup>

Não consegue dormir. Precisa de barbitúricos para vencer a noite. A doença mina-lhe o corpo em permanentes depressões nervosas. Sente-se exausta e atrainçada pela própria vida.<sup>29</sup> A morte

<sup>28</sup> Idem, *idem*, *ibidem*, carta nº 116.

<sup>29</sup> Em carta dirigida ao seu grande amigo Guido Battelli afirmava-se desiludida com a própria vida: *«Eu não peço à Vida nada que ela me não tivesse prometido, e detesto-a e desdenho-a porque não soube cumprir nem uma das suas promessas em que, ingenuamente, acreditei, porque me mentiu, porque me traiu sempre.»*

Idem, *Idem*, *ibidem*, carta nº 150.

começa a estar presente nas suas conversas, no seu diário, na sua poesia. A morte em Florbela é uma libertação: *«Tudo será melhor do que esta vida!»*

19 No dia 8 de Dezembro de 1830, às 2 horas da madrugada, após duas tentativas frustradas de suicídio, Florbela Espanca consegue finalmente por termo à vida. Dois frascos de Veronal ingeridos às escondidas num leito de morte. Cartas de despedida, pedidos de perdão, instruções para o enterro, tudo ao pormenor premeditado. A morte era a prenda de aniversário que oferecia a si mesma, no dia em que completava 36 anos de idade. A poucas mulheres a vida terá sido tão ingrata como o foi para Florbela Espanca. E só Deus sabe se merecia tão duro castigo.

Para assinalar a fugaz passagem de Florbela Espanca pela acolhedora terra de Olhão, foi sugerido pelo escritor Antero Nobre, nas colunas do jornal «O Sporting Olhanense», que se colocasse uma placa comemorativa do evento no edifício da antiga escola primária de Quelfes. A sugestão foi acolhida de bom grado por Herculano Valente, grande entusiasta dos valores culturais de Olhão e, valha a verdade, incansável obreiro daquele quinzenário. Com o absoluto patrocínio do jornal, que custeou todas as despesas, e o apoio da Câmara Municipal, materializou-se no frio mármore uma breve evocação de Antero Nobre, para ser incrustada no referido imóvel. Porém, o proprietário recusou-se a permitir tal "sacrilégio". A solução para o impasse foi encontrada através de uma simples coluna, erguida ao lado da casa, que suporta a tão decantada placa comemorativa. Até neste singelo acto foi difícil, e levou anos a concretizar, a modesta homenagem que o povo de Olhão, sob a égide do seu jornal, quis prestar a Florbela Espanca.

Triste sina a desta mulher que, por não se integrar no seu tempo, nunca foi compreendida. Talvez por isso é que os génios não pertencem a este mundo. São imortais...



**Edifício da antiga escola primária de Quelfes, onde em 1918 esteve hospedada, no andar superior, a poetisa Florbela Espanca.**



**Outro aspecto exterior, com a lápide a assinalar, a casa onde viveu numa iniciativa de "A Voz de Olhão" através de Antero Nobre e Herculano Valente.**



**Aspecto exterior (com a lápide a assinalar a sua presença) da casa onde viveu Florbela Espanca.**



## SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 - **A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes** - J. Fernandes Mascarenhas
- 2 - **António Henrique Cabrita, nadador prestigiado** - Fernando Cabrita
- 3 - **O Poeta João Lúcio - Apontamento Biográfico** - Antero Nobre
- 4 - **A População Olhanense - Sua Origem e Evolução** - Antero Nobre
- 5 - **O Doutor Fernandes Lopes - Apontamento Bio-bibliográfico** - Antero Nobre
- 6 - **O Centenário do Nascimento do Cônego Monsenhor Dr. António Baptista Delgado** - D. Ernesto Gonçalves Costa
- 7 - **Grutas do Cerro da Cabeça - A «Gruta da Senhora», para possível aproveitamento turístico** - por um grupo de Jovens Espeleólogos
- 8 - **O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus** - Fernando Cabrita
- 9 - **No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes Lopes** - Mariana Amélia Machado Santos
- 10 - **Subsídios para uma Bibliografia Olhanense** - Antero Nobre
- 11 - **A população de Moncarapacho no Século XVI, Livre e Escrava, através de Rois de Confessados Inéditos** - J. Fernandes Mascarenhas
- 12 - **O Bom Humor em João Lúcio** - Fernando Cabrita
- 13 - **O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua História)** - José Fernandes Mascarenhas
- 14 - **Quem foi Sebastião Martins Mestre na História do Sotavento Algarvio** - Adérito Fernandes Vaz
- 15 - **Cronologia Geral da História de Olhão da Restauração** - Antero Nobre
- 16 - **Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria** - José Fernandes Mascarenhas
- 17 - **Do Colete de Forças ao Fonógrafo - Achegas para a compreensão da obra do médico algarvio Bernardino Adolfo e Silva ( 1856-1916), «A música, sua influência e emprego terapêuticos»** - Manuel Cadafaz de Matos
- 18 - **Dos novos intelectuais - seguido de «Ai, Cultura»** - Fernando Cabrita e Erika Castor Teixeira
- 19 - **Alguns Topónimos Algarvios** - Adérito Fernandes Vaz
- 20 - **Doze olhanenses que muito honraram a sua terra** - Antero Nobre
- 21 - **Descrevinhações** - Abúndio Martins
- 22 - **Esboço da personalidade de D. Maria Lizarda Palermo e o seu monumento** - J. Fernandes Mascarenhas
- 23 - **Heróis Olhanenses de 1808** - Antero Nobre
- 24 - **Notas de Arqueologia e História sobre o Algarve** - J. Fernandes Mascarenhas
- 25 - **José Carlos Maia** - Danilo Barreiros
- 26 - **Levantamento Antropológico da Ilha da Culatra** - Maria de Fátima Pedro de Jesus
- 27 - **Curiosidades da fala dos Pescadores Olhanenses** - António Henrique Cabrita
- 28 - **Toponímia Tavirense na Península Ibérica e Além Atlântico** - Adérito Vaz
- 29 - **Um homem a quem Olhão muito deve** - por diversos
- 30 - **Novas descobertas Arqueológicas no Concelho de Olhão** - J. Fernandes Mascarenhas
- 31 - **Florbela Espanca na Vila de Olhão** - José Carlos Vilhena Mesquita



